

**FUNK:
CULTURA POPULAR E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Patrícia Luísa Nogueira Rangel (UNIGRANRIO)

rangelluisa@ig.com.br

José Geraldo Rocha (UNIGRANRIO)

rochageraldo@hotmail.com

1. Introdução

Nos últimos anos, além de toda polêmica em torno do funk, há também o preconceito com a linguagem usada nas músicas, considerando-a como de baixo calão e de nível inferior, incentivando a sexualidade e violência.

Este artigo abordará aspectos relevantes que colaborarão para a reflexão sobre a linguagem popular e o preconceito linguístico que este tipo de música enfrentou e enfrenta nos dias atuais.

O presente trabalho está dividido em três seções que trataram, respectivamente, sobre a história da linguagem popular, preconceito linguístico e marcas linguísticas da linguagem popular nas letras de música de funk.

A primeira seção abordará sobre a imposição de uma língua que privilegia a classe dominante. Primeiramente, o ensino do português aos índios, em que o tupi desapareceu como primeira língua. Depois, com os negros vindos da África. Estes usaram de várias táticas para resistir à nova língua, e preservar a sua, pois representava um contexto, cultura e história de um povo. Por esse motivo, as interferências no português foi algo inevitável, produzindo assim uma linguagem popular.

A seção seguinte tratará da questão do preconceito linguístico. Com o surgimento de uma linguagem a margem do que a elite definiu como certo, a linguagem popular, surge também uma repudia a nova forma ou novas formas de falares.

Na última seção, a terceira, considerará o funk como movimento popular e vitimado pelo preconceito linguístico de uma classe dominante. Além disso, será tratado algumas considerações sobre marcas linguísticas da linguagem popular presente nas músicas.

2. *Linguagem popular: sua história*

Os negros africanos para serem escravizados no Brasil vinham de várias regiões da África e apresentavam multiplicidade e matizes dos seus dialetos. Nessas condições, o navio negreiro se tornou uma Babel.

Ao chegar ao Brasil, os negros eram tratados como inferiores, desde a sua linguagem até sua cultura. Dessa forma, eles eram obrigados a aprender o português para falarem com os brancos, os mestiços e crioulos. No entanto, conforme Rodrigues (2010), os negros adotaram uma língua geral africana para que os companheiros de escravidão se entendessem. O que pode ser considerado um processo de resistência ao novo idioma.

Melo (1981) conta que com a chegada dos portugueses com sua língua românica, os índios que tinham como língua materna o tupi, com a catequese, abandonaram-no e passaram a usar a língua dos dominadores. Apesar de aprenderem mal e desfigurá-la como reflexo de seus hábitos linguísticos.

Já com os negros, houve resistência de modo pacífico e como resultado influenciou fortemente o português. Grandes exemplos de mantenedora das marcas linguísticas africana são as mucamas e as mães-pretas que criavam e ensinavam os “sinhozinhos”. Freyre (1988) declara que as duras palavras com que os portugueses dirigiram às crianças foram adocicadas pelas amas; o vocabulário infantil passou a ter encantos como “dodói”, palavra dengosa substituindo “dói” dos adultos; uso de palavras meigas – Cacá, pipi, papá, bumbum, nenen, au-au, bambanho, etc.; e tirando a solenidade dos nomes próprios, como Domdons, Toninhas, Totonhas para Antônias e Nezinho, Mandus, Manés para Manuéis, e outros.

Também as canções de berço portuguesas, modificou-as a boca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. Assim, a velha canção “escuta, escuta, menino” aqui amoleceu-se em portuguesa em “durma, durma, meu filhinho”, passando Belém de “fonte” portuguesa, a “riacho” brasileiro. (FREYRE, 1988, p. 327)

Outra forma de resistência é a contação de história. Freyre (1988) comenta que as velhas negras modificavam as histórias portuguesas acrescentando elementos das histórias africanas. Dessa forma, as contadoras de histórias puderam conservar seu patrimônio cultural e linguístico, além de ressignificar sua identidade.

A necessidade de resistência da preservação da linguagem africana também está relacionada à preservação da sua cultura, principalmente religiosa. A linguagem funciona como elemento de identidade que permite a comunicação entre os atores desse processo, possibilita a união e fortalecimento do grupo e sua cultura.

As línguas gerais dos negros dividiam-se em nagô ou iorubá na Bahia e o quimbundo nas outras regiões. Melo (1981) declara que o quimbundo era considerado principal por abranger uma área extensa geograficamente e um número maior de falantes, além de possuir um vocabulário mais rico. As línguas gerais eram desprovidas de flexões, portanto, ao adquirir o português como segunda língua, além de sotaque peculiar, os negros passaram a incorporar essa característica, redução de flexões.

Melo (1981) ainda acrescenta que os filhos e netos dos escravos africanos dominavam melhor a língua padrão da época, no entanto, a influência do contato com os negros mais velhos fez com que houvesse um retardamento linguístico. Nesse sentido, constituiu-se processo de resistência à língua portuguesa nas camadas populares, apresentando uma linguagem descuidada. De maneira que a linguagem popular de antes e de hoje apresenta reflexos da influência africana.

Havia uma disparidade entre a língua escrita e a língua falada. Freyre (1988) aponta que a língua falada apresentava-se em duas formas – linguagem da casa-grande e linguagem da senzala. A linguagem da casa-grande representava o poder, a elite ou a classe dos dominantes e a linguagem da senzala, representava o povo. A escrita, por sua vez, recusava-se submeter-se à língua falada.

Ainda o autor, quando os padres jesuítas foram substituídos por padres-mestres e os capelães de engenho na educação dos brasileiros, tentaram anular a influência africana que estava tomando conta das casas-grandes, e para isso usavam o latim e a gramática, além das varas e palmatórias de sicupira.

Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama um dos que se indignavam quando ouvia “meninas galantes” dizerem “mandá”, “buscá”, “comê”, “mi espere”, “ti faço”, “mi deixe”, “muler”, “coler”, “le pediu”, “cadê ele”, “vigie”. “espie”. E disse algum menino em sua presença um “pru mode” ou um “oxente”, veria o que era beliscão de frade zangado.

Para Frei Miguel – padre-mestre às direitas – a com os portugueses ilustres e polidos que devíamos aprender a falar, e não “com tia Rosa”, nem “mãe Benta”; nem com nenhuma preta da cozinha ou da senzala. Meninos e meni-

nas deviam fechar os ouvidos aos “oxentes” e aos “mi deixe” e aprender o português correto, do reino. Nada de expressões bundas nem caçanjes (FREYRE, 1988, p. 334).

De acordo com Melo (1981), a influência africana no português popular foi mais profunda do que a língua indígena. Contudo, conforme Rodrigues (2010, p. 134), foi ignoradas como tudo que se refere ao negro e que é falho os estudos “do conjunto das línguas africanas introduzidas no país, com a origem dos vícios do nosso falar, a determinação da influência por ela exercida como fator de corrupção sobre o português da antiga metrópole.”

Com o tempo ocorre a instalação de um sistema educacional oficial, em que o ensino da norma culta passa a ser identificada como “língua portuguesa” ou “português”, e “o uso que não está consagrado nessa ‘norma culta’ (o uso que não está abonado nas gramáticas normativas e nos dicionários) simplesmente ‘não existe’ ou ‘não é português’”, de acordo com Bagno (2002, p. 20).

A linguagem popular, então, ficou limitada às classes bem humildes das áreas urbanas e dos interiores, onde o acesso à educação era negado, contribuindo assim para o analfabetismo muito grande. Nesse sentido, Bagno (2002) aponta que esse modo de conferir legitimidade à norma culta, condena todas as outras manifestações linguísticas ao rótulo de “erro”.

Como a educação ainda é privilégio de poucos, muitos vive a margem do uso da norma culta, conseqüentemente, os usuários da linguagem popular que dominam regras da modalidade oral, ou seja, linguagem não padrão são vítimas de vários preconceitos, inclusive o linguístico.

3. *Linguagem popular: preconceito linguístico*

O Brasil é formado de milhares de brasileiros, sendo na sua maioria negros e pobres, que não tem acesso à educação, bem como a outros serviços e condições humanas. Bagno (1999, p. 16) declara que “assim da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua.”

Ainda o autor, eles, os milhões de ‘sem-língua’, falam o português, no entanto numa variedade não padrão, desprestigiada, ridiculari-

zada pelos falantes ou simpatizantes do português culto, mas que atende às necessidades comunicativas da comunidade em que estão inseridos, sofrendo transformações para adequação de novas necessidades e possibilita uma relação interpessoal entre as pessoas que falam. Afinal, a variação linguística, também como a cultura, é resultado de um processo histórico e social.

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 1999, p. 40).

Há um tipo de preconceito denominado linguístico, que abarca a sociedade dominante, privilegiando um tipo de falar com base na norma culta. Segundo Bagno (2002), o gramático e historiador português João de Barros, no século XVI, escreveu que se deveria seguir o modelo de língua dos ‘barões doutos’, homens da nobreza; o francês Vaugelas, no século XVII, considerava como modelo de língua ideal o da corte, ou seja, a parte sadia; no século XX, a Inglaterra usava como certo o modelo de uso da língua da rainha e o gramático e filológico brasileiro dizia que o aluno devia falar melhor que os melhores.

Ainda o autor, o uso da palavra “melhores”, subentende-se que há outros níveis, inclusive os piores, os que falam “pior”, mostrando assim que os detentores de poder acreditam que bom e válido é o que está ao seu redor e deve ser modelos a serem seguidos por todos os elementos que compõem a sociedade.

Não é proposto por Bagno (2002) substituição da norma padrão por uma outra atualizada, pois indicaria na instalação de um novo modelo, e conseqüentemente surgiria outras, pois a língua é viva e está sujeita à processos de mudanças e variedades. Entretanto, é proposto encarar a língua nas suas múltiplas manifestações.

Cunha & Cintra (2001) explica que a língua padrão é sempre a mais prestigiosa, funciona como modelo e ideal linguístico de uma comunidade. Ao lado da força inovadora, a força conservadora (norma culta) age contrarregando, a fim de garantir a unidade linguística do país. Os autores também compreendem que a variação está condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social, faz parte da competência linguística de seus membros e ocorre em todos os níveis, como fonético, fonológico, morfológico, sintático etc.

A imposição de uma única norma linguística comum a todos os brasileiros, segundo Bagno (1999), é um desrespeito à diversidade existente no nível social, etário, econômico, geográfico, escolar, uma vez que o Brasil é possuidor de uma grande extensão territorial e, com isso, esse português apresenta alto grau de diversidade e variabilidade, e, conseqüentemente, apresenta diferenças regionais e sociais bem marcadas.

Estudos atuais, principalmente da sociolinguística, têm visto a língua como fenômeno sociocultural, complexo e podem assumir diversas formas.

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um diassistema, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexibilidade... (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 3)

O preconceito linguístico contra as letras de música funk faz parte de um sistema de ideologia, em que a sociedade elitista defende o português padrão, como mecanismo de exclusão e discriminação, além de classificar o falante como elementos inferiores, que, em geral, são negros e pobres.

4. Marcas linguísticas na música de funk

O funk é movimento cultural e musical que começou no Rio de Janeiro, na década de 70, importando o ritmo dos EUA. Começou na Casa de Show Canecão, em Botafogo, área nobre do Rio, e acabou indo para o subúrbio e comunidades, onde passou a ter identidade própria, música de negro e favelado, conforme Essinger (2005) e Medeiros (2006).

Atualmente, o número de adeptos ao movimento é muito grande e a cada dia cresce mais. A mídia passou a divulgar as músicas funk e em suas programações de rádio e televisão os Mcs passaram a ter vez. No entanto, não são só flores, pois a sociedade dominante ainda critica toda cultura funkeira, bem como as letras das músicas, por considerarem de nível inferior. O preconceito linguístico ainda é muito forte pelas marcas linguísticas apresentadas, reproduzindo a oralidade.

Bagno (2002) informa que na prática deve-se olhar para língua dentro de um contexto histórico e cultural e considerá-la também como

uma atividade social, como um trabalho realizado conjuntamente pelos falantes que interagem através da fala ou da escrita.

A língua como atividade social, conforme Bagno (2002), é o processo e o produto, pois não é uma ferramenta pronta, mas criada a medida que vai sendo usada, de forma que, a língua é uso e também resultado do uso. As experiências, seu saber linguístico e as práticas linguísticas de seu ambiente são reconhecidas como válidas, porém, para a sociedade elitizada, assumem formas estereotipadas com base, no que já foi considerado na primeira seção, ou seja, a linguagem popular do Brasil sofreu grande influência dos negros, elementos inferiorizados social e culturalmente.

As letras de funk são escritas, em geral, por moradores de comunidades, em que a maioria apresenta baixo nível de escolaridade. Nesse sentido, é evidente a presença de marcas de oralidade nas composições das músicas que reproduz a linguagem popular do local. São elas os palavrões, as gírias, simplificação e redução de palavras e inadequações do uso da escrita, além de outros.

4.1. Palavrões

Uma das marcas linguísticas presentes na linguagem musical do funk são gírias e palavrões ou palavras de baixo calão. Esse uso faz parte de determinado campo semântico que pode ser interpretado de acordo com o contexto em que está inserido, levando em consideração a interação comunicativa, que possibilita a compreensão dos elementos envolvidos – emissores e receptores.

De acordo com Sandmann (1993), a reação diante dos palavrões não é emocionalmente neutra – sentimento de sagrado, de proibido ou desagradado. As pessoas reagem de formas diferentes diante de vários palavrões, levando em consideração o sexo, as idades e os níveis sociais.

Ainda o autor, atualmente, o palavrão, que acaba sendo pronunciado com frequência, é dito, mas não é levado ao pé da letra. Faz parte do cotidiano das pessoas, principalmente entre jovens.

Palavrão (pa.la.vrão) sm. Palavra que é considerada ofensiva, de mau gosto, cujo uso é considerado falta de educação; ...

ENCICL.: Certas palavras podem, ou não, ser consideradas ofensivas, segundo o lugar, a época, o contexto, e também segundo o sentido e até mesmo

a entonação com que são usadas. Neste dicionário, as palavras ger. consideradas como palavrões veem identificadas por Tabu (AULETE, 2004, p. 586).

Como o funk é um movimento que atrai muitos jovens, o uso de palavrões passa a incorporar nas letras de música e não é visto como algo estranho, mas compõe a variante linguística daquele grupo, porém para a sociedade dominante, que preza como referencial o uso da língua à base da norma culta, os palavrões são discriminados, são verdadeiros tabus linguísticos.

Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde
 Se ficar de caozada, a **porrada** come
 Não olha pro lado, quem tá
 passando é o bonde
 Se ficar de caozada, a **porrada** come
 As mina aqui da área, no baile se revela
 Não importa o que eu faça, vira moda entre elas
 Fala mal do meu cabelo e da minha maquiagem
 Ô coisa **escrota**, pode falar a vontade...

(Mc BEYONCE, FALA MAL DE MIM, 2012)

Na música “Fala mal de mim” aparece a palavra “porrada”, que não é visto como palavrão, mas soa num tom agressivo, de forma que virou uso constante na linguagem informal para relacionar a violência, propriamente dita, ou indignação verbal. O palavrão “escrota” está relacionado ao órgão genital – escroto, bolsa que contém os testículos, mas acaba sendo usada com significado de chamar outra pessoa de vulgar, desprezível e insignificante.

Eu Mc Saed, fui da um rolé com um amigo na comunidade
 Chegando lá ele me apresentou uma novinha, e me deu logo o papo reto,
 Falou assim ó: essa novinha **fode pra caralho** ein,
 Eu falei mentira, ele falou verdade,
 Eu tirei a novinha de cima em baixo e falei: ele ta de caô,
 Papo vai papo vem, consegui arrastar a novinha pra dentro do carro,
 tá ligado...

(Mc SAED, QUE ISSO NOVINHA?, 2012)

O Mc Saed, no seu funk “Que isso novinha?”, usa o palavrão “fode” e o “pra caralho”. Na música, “fode” significa transar, fazer sexo, contudo, em alguns momentos refere-se a prejudicar alguém, destruir. O palavrão “caralho” significa que sentimos um grande espanto por algo e quando antecedido de “pra” representa algo excessivo, tão absurda que não há palavras para definir.

A classificação de linguagem grosseira ou obscena, para Preti (1984), seria difícil, uma vez que a definição é variável no tempo e espaço. Não é a definição em si que irá classificá-la, mas o contexto e a situação comunicativa.

Maior (1998) afirma que alguns que são contra o palavrão, admitem o uso em determinadas ocasiões, e comenta que Cacilda Becker (1921-1969), atriz brasileira, protagonista de vários espetáculos do Teatro Brasileiro de Comédia, defendeu o uso de palavrões no teatro, porque atende as necessidades de esclarecimento do público num país normalmente culto e quando usado dentro da arte é absolutamente justificado. Por essa lógica, o funk, por ser uma manifestação cultural, ter na sua linguagem musical palavrões teria justificativa, porque o palavrão nunca teve uso tão generalizado como o dia de hoje, atendendo, assim, ao seu público.

O funk trata-se de uma linguagem popular, muitas vezes, vítima do preconceito linguístico e é encarado como um tabu. Preti (1984) declara que o linguajar vulgar está relacionado às classes mais baixas da sociedade e que o uso de palavrões funciona como uma válvula de escape diante do inconformismo social, visto que é revestido de humor trágico, agressividade e metáforas amargas.

Outra marca linguística presente na linguagem musical funk é o excessivo uso de gírias e termos específicos que compõem o universo discursivo dos moradores de comunidades, que são construídos a partir de suas experiências e relações comunicativas. As gírias representam as realidades com significados reais para a cultura do grupo.

4.2. Gírias

Gíria, de acordo com Aulete (2004, p. 403), é uma “linguagem peculiar que se origina de um grupo social restrito e alcança, pelo uso, outros grupos, tornando-se de uso corrente”. Caracteriza um grupo social, funcionando como identidade. Trata-se de um código linguístico que diferencia determinado grupo de outros.

A história mostra que a gíria foi construída sob o preconceito, considerada língua marginal, de negros e pobres, ou seja, excluídos da sociedade. Nesse contexto, não havia interesse nessa modalidade oral, tendo em vista que, a tradição era valorizar a língua portuguesa nos moldes da norma culta.

A gíria, segundo Preti (1984), se divide em duas categorias, uma é específica de um grupo e só é aberto aos iniciados naquele grupo e a outra é comum, pois surge como código linguístico de um grupo e torna-se comum, sendo incorporada a todos falantes da língua social popular.

Maior (1998) comenta que para o povo usar a língua dos gramáticos é como ir à praia de fraque, cartola e calçado. O povo usa uma linguagem espontânea, criam palavras e dão outros sentidos às já existentes. O uso frequente dessas palavras, com o tempo, vai alcançando à elite, que passa a reconhecê-las oficialmente, vitória natural sobre a resistência da norma oficial. Uma prova disso é o registro de gírias e palavrões criados pelo povo em dicionários como o de Aurélio Buarque de Holanda, Silveira Bueno e Raimundo Girão.

Como a gíria está presente no dia a dia da sociedade, principalmente, nas comunidades, onde o funk tem força, não é de estranhar que nessa linguagem musical apareça essa marca linguística, bem como, a criação de novas palavras e expressões que provoque maior interação entre os interlocutores.

Não olha pro lado, quem tá passando é o **bonde**
 Se ficar de **caozada**, a porrada come
 Não olha pro lado, quem tá
 passando é o bonde
 Se ficar de caozada, a porrada come
 As **mina** aqui da área, no baile se revela
 Não importa o que eu faça, vira moda entre elas
 Fala mal do meu cabelo e da minha maquiagem
 Ô coisa escrota, pode falar a vontade
 Essa mina **recalcada** não arruma um namorado
 Não mexe com o meu, não sou de mandar recado
 Fala mal de mim na roda dos amigos
 Que coisa garota, eu nunca fiz nada contigo
 Se entrar no meu caminho, vai ficar perdida
 Oh rata molhada, se mete na tua vida
 Não adianta, não tem vergonha na cara
 Fala mal de mim mas é minha fã **encubada**

(Mc BEYONCE, FALA MAL DE MIM, 2012)

“Bonde”, como gíria, refere-se a grupos de amigos que estão sempre juntos. “Caozada” é o mesmo que mentira com intuito de enganar. Já a gíria “mina” significa mulher ou jovens do sexo feminino. “Recalcada” é empregada para designar pessoas invejosas que se revoltam com a vitória das outras e quer ter o que os outros têm. A gíria “encubada” ou “incubada” significa que a pessoa reprime seus sentimentos.

Outro exemplo do uso de gírias na linguagem musical funk é a música *Quer saber da minha vida vai na macumba*, do Mc TG 10 (2013) de Mesquita, que faz uma crítica aos fofoqueiros. Ele utiliza as gírias “bolação” e “caozada”. “Bolação” no funk vem de “bolado” que, na música, refere-se à pessoa que está muito chateada ou irritada com algum acontecimento ou com alguém.

Detesto gente fofoqueira
Isso dá **bolação** profunda
Quer saber da minha vida
Vai na macumba
Isso dá maior **caozada**
Isso dá bolação profunda
Da minha vida cuida eu
E você cuida da sua
É TG 10 que tá falando
Quer saber da minha vida
Vai na macumba.

Além dessas apresentadas, algumas gírias ou expressões já estão incorporadas à sociedade, como bombado (lugar animado e agitado); cachorra (mulher sem compostura); demorô (sim, afirmação); falô (tchau, até mais); já é (concordar); ninguém merece (chatear); poposuda (mulher de bunda grande); resposta (confiável ou divertido); role (passear); tá dominado (está tudo sob controle); tá ligado? (entendeu?); X9 (informante); zoar (agitar)...

4.3. Marcas de oralidade

A linguagem popular sofreu grande influência dos negros africanos. E o reflexo é visto nos dias de hoje, principalmente nas classes mais baixas. O funk é movimento cultural oriundo das comunidades, em que há predominância de negros e pobres, logo, marcas da linguagem popular, modalidade oral, aparecem frequentemente na elaboração das músicas, pois a escrita trata-se da representação gráfica dessa mesma fala.

A fala é diferente da escrita sob muitos aspectos; cada uma dessas modalidades têm características próprias, mas uma influência a outra, especialmente a fala na escrita. Segundo os gramáticos, a oralidade é mais fácil, mais usada em nosso dia-a-dia e permite alguns “erros”; enquanto a escrita é mais complexa, rígida, rebuscada. A oralidade, talvez por ser mais usada, deixa muitas vezes, suas marcas em textos escritos (LÚZIO & RODRIGUES, 2011, p. 8).

Mello (1981) que uma das características da linguagem popular é a simplificação e redução das flexões. As desinências de plural tornam-se raros e somente o primeiro determinante da frase é flexionado –

As mina aqui da área, no baile se revela
 Não importa o que eu faça, vira moda entre elas
 Fala mal do meu cabelo e da minha maquiagem

(Mc BEYONCE, FALA MAL DE MIM, 2012).

Ainda o autor, os verbos também sofrem com a simplificação das flexões, como o seguinte exemplo,

Nós incomoda
 O nosso bonde é foda
 Ninguém segura se tô de raia curta
 As amigas na pista
 Tamos de role...

(Mc DEBBY, NÓS INCOMODA, 2012).

Só há flexão de pessoa e não de verbo.

Outro exemplo de marcas de oralidade é do Mc Duduzinho com o funk “Normal, mamãe passou açúcar em mim” –

Elas para tudo onde chega, ela chama atenção
 Porque aqui no baile funk ela é a sensação
 Chamei ela de gostosa e ela respondeu assim
 Normal, mamãe passou açúcar em mim....

Além da falta de concordância verbal entre pessoa e verbo (Elas para X Elas param), também há o emprego inadequado do pronome relativo “onde”. Onde indica lugar físico (= lugar em que), enquanto que “aonde”, palavra de deveria ser empregada, indica movimento (=o lugar a que), mas, de acordo com Cunha & Cintra (2001), na linguagem coloquial esta distinção é praticamente nula.

Bagno (2002, p. 38) ratifica ao informar que o pronome relativo “onde” possui “caráter plurissemântico... desde a fase mais remota da língua portuguesa até os dias de hoje, sempre foi usada com referência a muito mais coisa do que ao ‘lugar concreto, espaço físico’...”.

A subjetividade é um elemento comum nas marcas de oralidade, de acordo com Lúzio & Rodrigues (2011) e está presente em quase todos os funks. Os Mcs cantam como eles se veem, o que eles pensam e não seguem um padrão, pois é influenciado pelo social, cultura, nível de escolarização e experiências vividas.

É que eu tava passando
Abriu meu coração
Quando eu olhei pro lado
Vi aquele belo mulherão
Ao som do tamborzão
Ela me enfeitou
Nesse placar deu um gol pro nosso amor
Rebola pra mim
Menina, dança pra mim...

(MC PAIXÃO, REBOLA PRA MIM, 2012).

Não vou parar não
Ele me olha toda vez que eu to descendo
Tô dançando
Dando pala de calcinha
Todos eles estão olhando
Quanto mais eles me olham
Eu continuo descendo
Eles continuam olhando
Eu não to nem aí
Se tua mina não tá gostando...

(MC DEBBY, SEGURA TEU NAMORADO, 2012).

Lúzio & Rodrigues (2011) também comenta que outra característica da marca de oralidade é a escrita fonética. Em vários momentos aparecem “tamos”, “tá”, “tô”, “pra”, no lugar de “estamos”, “está”, “estou” e “para”, respectivamente.

Em fim, a língua oral reproduzida na escrita é reflexo do contexto situacional e comunicacional, e a relação entre os falantes e ouvintes.

5. *Considerações finais*

Através desse artigo podemos concluir a linguagem popular sofreu grande influência dos negros escravos oriundos da África, através da docilidade das mucamas e mães-pretas, e das contadoras de histórias. Essa influência é refletida na linguagem atual de negros e pobres, em especial, de comunidades, muitas vezes associadas às suas manifestações culturais.

A visão do dominador da inferioridade desses supracitados faz com que tudo que vem do povo seja classificado como de pior qualidade, de forma que a linguagem sofre preconceito linguístico. Nesse sentido, a linguagem musical do funk, por ser “coisa” de negro e favelado e apresentar marcas de oralidade, acaba sendo vitimado pelo preconceito de

uma classe que preza pela norma culta, como sendo única e imutável, e que deixa de reconhecer outros falares como válidos.

O uso de marcas de oralidade nas letras de música no funk não desprestigia o movimento, uma vez que reflete a realidade em que eles estão inseridos, atende as necessidades de comunicação e influencia, como os excluídos no período colonial, através de gírias e expressões, no dinamismo da língua. É mais uma variação da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Caldas. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ESSINGER, Silvio. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

LÚZIO, Ellen Regina Camargo; RODRIGUES, Marlon Leal. Marcas de oralidade em textos escritos. *Web Revista Páginas de Debates: Questões de Linguística e Linguagem*. Edição nº 17, outubro de 2011. Disponível em:

<http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/03/Arquivos/07%20Ellen%20Regina%20Camargo.pdf>. Acesso em: 25/05/2013.

MAIOR, Mário Souto. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MEDEIROS, J. *Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

MELLO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil*. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas. Rio de Janeiro, 2010.

SANDMANN, Antônio José. O palavrão: formas de abrandamento. *Revista Letras*, v. 42, 1993. Disponível em:

<<http://www.ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19127/1247>>. Acesso em: 25-05-2013.